

Cinturão agroecológico se destaca na produção de arroz orgânico no Estado

No horizonte de ares rurais que Águas Claras apenas aparenta ser, também se desenha um cenário que desafia a lógica tradicional do agronegócio de larga escala baseado em insumos químicos. No Assentamento Filhos de Sepé (maior assentamento de reforma agrária do Rio Grande do Sul), por exemplo, a terra não é apenas um ativo imobiliário ou um meio de subsistência familiar; ela se tornou o maior laboratório de agroecologia a céu aberto do Brasil.

Sob a égide do cooperativismo e de uma técnica produtiva refinada, Águas Claras converteu-se detentora da maior extensão territorial de produção de arroz orgânico do País, provando que a sustentabilidade pode, sim, falar a língua do mercado global e apresentar índices de produtividade competitivos.

A operação, capitaneada pela Cooperativa dos Produtores da Reforma Agrária de Viamão (Cooperav), impressiona investidores e técnicos do setor pela magnitude e pelo rigor dos processos. São 1.600 hectares dedicados exclusivamente ao cultivo de arroz livre de agrotóxicos dentro de uma área total de 9,5 mil hectares que compõem o assentamento.

Contudo, o diferencial não reside apenas na escala, mas na inteligência de mercado aplicada à diversificação de nichos. Segundo Claiton Padilha, engenheiro agrônomo e uma das lideranças

técnicas da Cooperav, o foco da região migrou da commodity comum para o produto de alto valor agregado. O assentamento produz hoje variedades que fogem do óbvio, como o arroz vermelho, o preto, o agulhinha e o cateto.

A produção anual alcança a marca robusta de 200 mil sacas. Para viabilizar esse volume sem o uso de defensivos sintéticos, esclarece Padilha, a verticalização foi o caminho escolhido para garantir a rentabilidade das famílias. Os agricultores controlam hoje quase todo o ciclo produtivo: da produção de bioinsumos — que substituem fertilizantes dolarizados e reduzem drasticamente o custo fixo das propriedades — até o beneficiamento e o empacotamento final.

Essa autonomia tecnológica é o que permite ao produtor de Águas Claras manter-se resiliente às flutuações do câmbio e às crises de abastecimento de fertilizantes que frequentemente castigam o modelo químico tradicional. Além do grão destinado ao consumo final, o distrito desempenha um papel estratégico nacional como produtor de sementes, garantindo a multiplicação de novos campos e a soberania genética da produção orgânica brasileira.

Se o arroz é o carro-chefe das exportações e do grande varejo, a produção de hortaliças realizada no Assentamento Filhos de Sepé funciona como o pulmão que abastece a segurança alimentar da Grande Porto Alegre. O escoamento é estratégico, priorizando mercados institucionais de alto impacto social, como o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE).

Na prática, a produção de alface, couve, repolho e outras folhosas chega fresca às mesas de hospitais públicos e escolas estaduais em menos de 24 horas após a colheita, unindo o desenvolvimento econômico local à saúde pública. Para Hulli Marcos Zang, presidente da associação de moradores do assentamento, a certificação orgânica é o “passaporte” que garante preços justos, estabilidade contratual e, acima de tudo, a valorização da escolha das famílias por um modelo de produção que preserva a saúde das pessoas e o meio ambiente.

Contudo, a economia de Águas Claras possui uma espinha dorsal que muitas vezes corre silenciosa sob os holofotes do arroz: a bovinocultura de corte.



Distrito de Viamão tem hoje a maior extensão territorial do plantio orgânico do grão do País

Embora o arroz e as hortaliças sejam as vitrines da Cooperav, a pecuária é uma atividade responsável por garantir importante liquidez diária e estabilidade financeira para considerável parte das 375 famílias do assentamento. Com um plantel estimado em 3 mil cabeças de gado, a atividade opera em uma dinâmica de mercado distinta.

“Enquanto o arroz é gerido coletivamente para ganhar escala de venda e força de marca, a pecuária é tratada de forma individual, permitindo que cada produtor negocie seus lotes de animais de acordo com a necessidade de fluxo de caixa da propriedade”, distingue Roseli Canzarolli, médica veterinária e presidenta da Cooperav.

O modelo utiliza pastagens plantadas, como o capim-sudão

e o sorgo, além de campos nativos, integrando de forma eficiente a produção vegetal à animal e otimizando o uso do solo — especialmente em áreas de várzea, que não são propícias para o cultivo imediato de grãos. Um dos desafios atuais enfrentados pela cooperativa, explica Roseli, é justamente organizar melhor tal cadeia produtiva para que, em um futuro próximo, a carne também possa ser comercializada, por exemplo, como item da alimentação escolar.

O sucesso do modelo produtivo vicejado no assentamento oferece uma resposta concreta ao debate contemporâneo sobre os critérios ESG (Ambiental, Social e Governança) no agronegócio brasileiro. O caso prova que a reforma agrária, quando profissionalizada e aliada ao coo-

operativismo técnico e ao acesso à tecnologia de ponta, deixa de ser uma pauta meramente social ou política para se tornar um case de sucesso econômico.

“A região não apenas alimenta a população com qualidade superior, mas gera riqueza real, impostos e fixa o jovem no campo através da modernização dos processos agroecológicos”, enfatiza Hulli Zang. Em um mundo que clama por baixa emissão de carbono e alimentos “limpos”, ele acrescenta, Águas Claras deixa de ser apenas um distrito rural para tornar-se uma referência nacional de como será o agronegócio do futuro: produtivo, diverso, independente de insumos externos e, acima de tudo, sustentável.

Raio-X da produção

O Assentamento Filhos de Sepé representa hoje a vanguarda da agroecologia comercial no Brasil.

Área total: 9,5 mil hectares de extensão territorial dedicada à produção sustentável.

População produtiva: 375 famílias residentes, com envolvimento direto de 200 famílias especificamente na cadeia do arroz.

Extensão cultivada: 1.600 hectares.

Volume de produção: Aproximadamente 200 mil sacas por safra.

Variedades produzidas: Agulhinha, Cateto, Arroz Vermelho e Arroz Preto (com prioridade para o atendimento aos mercados institucional e feiras).